

# VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSEMBLÉIAS LEGISLATIVAS

DEPUTADO MOACYR DUARTE

ARENA/RN

**"O EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA, SEM AS  
AUTO-LIMITAÇÕES QUE OS LEGISLADORES E OS  
POLÍTICOS DEMARCAM, DEGENERA EM DEMAGOGIA  
E SE ANIQUILA NA ANARQUIA"**

— *Discurso do DEPUTADO  
MOACYR DUARTE, Presidente  
da Assembléia Legislativa do Es-  
tado do Rio Grande do Norte, na  
sessão solene de instalação do VI  
Congresso Brasileiro de Assem-  
bléias Legislativas em Fortaleza,  
no dia 24.09.72*



808.85  
D 8122

**VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSEMBLÉIAS  
LEGISLATIVAS**

**BIBLIOTECA**

Instituto Histórico e Geográfico  
do Rio Grande do Norte

---

**DEPUTADO MOACYR DUARTE**

**ARENA/RN**

Instituto Histórico •  
Geográfico do Rio  
Grande do Norte

No. Reg.

19594

**“O EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA, SEM AS AUTO-LIMITAÇÕES QUE OS LEGISLADORES E OS POLÍTICOS DEMARCAM, DEGENERA EM DEMAGOGIA E SE ANIQUILA NA ANARQUIA”.**



— Discurso do DEPUTADO MOACYR DUARTE, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, na sessão solene de instalação do VI Congresso Brasileiro de Assembléias Legislativas, em Fortaleza, no dia 24.09.72 —



**Ali onde está a liberdade, ali está a minha Pátria.**  
Com esta legenda de Theodore Roosevelt, filósofo e doutrinador da democracia americana quero simbolizar a magnitude deste momento e a transcendência desse conclave para os destinos da vida parlamentar, nas esferas dos Estados-membros.

Aqui está o Poder Legislativo, em seus escalões da representação estadual, reunido sob a inspiração de Deus e as aspirações do povo, para uma análise de sua itinerância no tempo e na História, e para uma projeção de suas metas e perspectivas, tendo como fanal a liberdade que é o sol do espírito e como bússola o povo que é o corpo da nacionalidade.

Aqui está a Pátria, unida e reunida pelo valor mágico da representatividade legislativa, pela força intransferível, telúrica e anímica da consciência nacional, que transforma o povo em poder, no sopro divino da encarnação, que não é outra coisa senão a alma da gente, da comunidade, da terra e do território, fundamentos básicos de uma Nação.

Onde está o Legislativo está o povo. Quem o diz é o nosso livro Gênesis, a nossa Bíblia cívica, a nossa Constituição.

Somos um Poder que em todo longo curso da História jamais teve outras nascentes, outros leitões, outros estuários, que não fossem as torrentes multitudinárias, despenhando-se

em cachoeiras, inundando as praças, fertilizando as sementeiras da nacionalidade.

Estamos reunidos nesta imensa assembléia geral, e de logo sentimos que aqui pousou o espírito, e o verbo se fez carne e corpo e alma. Existimos pelo vigor mítico da palavra. Ela é nossa arma, gládio e escudo, nossa trincheira e estandarte, nosso hino e nossa vitória. Este recinto, tantas vezes palco de manifestações coletivas dos mais variados matizes se transforma hoje, pelo culto à democracia, em santuário da lei, e sentimos ecoar em sua acústica e ressoar em suas galerias a alma irredenta da Pátria, desde o Acre ao Rio Grande do Sul, desde o Mato Grosso ao meu amado Rio Grande do Norte, pontos cardeais de nossa geografia física, humana e política.

Nosso obrigado à distinção da outorga para expressarmos o reconhecimento dos congressistas visitantes por essa acolhida generosa, nesta terra que tem toda a beleza e o viço do seio de Iracema, toda a pujança e bravura do guerreiro Peri e toda a sabedoria e inteligência do seu imortal cridor.

Eis o milagre da fé e da democracia: Deus e o povo presentes e onipresentes em nós, em nossos atos, palavras e comportamentos. Vamos iniciar nossos trabalhos, debates e estudos das teses e antíteses, retrazar os caminhos, corrigir as distorções, e encontrar os rumos certos de nossa existência como Poder que divide com os demais as responsabilidades titânicas e homéricas da condução do país ao seu inelutável e inarredável futuro promissor.

Temos ciência e consciência da nossa missão e de nossa destinação. O Legislativo moderno deixou de ser o campo de batalhas estéreis e infecundas, o picadeiro de duelos florais, a rinha de gladiadores falastrões, o anfiteatro de torneios oratórios onde pontificavam os Casanovas da politicagem e os Lovelaces da demagogia, para ser a usina das leis onde se fabrica o tecido e a roupagem democrática do país. Basta

que se pesquisem os anais parlamentares para se ver que das Assembléias desertaram as questiúnculas provincianas, as diatribes e os apodos pessoais, as discussões barrocas e rococós a respeito do sexo dos anjos e das teorias dos sábios de Bizâncio. Agora a primazia dos debates populares está com os grandes temas da coletividade. Os problemas nacionais e suas soluções passaram a ser o estribilho de todas as horas. A política de fretes, o incremento das exportações, os dilemas da ajuda externa, o monopólio estatal das atividades basilares, o crescimento do produto bruto interno, os investimentos humanos através da educação, o bandeirismo do século XX realizado pela Transamazônica, a explosão demográfica, a técnica e a tecnologia, a política como arte de gerir a vida dos povos, as classes dominantes e as elites administrativas, o povo e sua participação no desenvolvimento, a integração nacional e os enfoques que informam prioritariamente os objetivos nacionais, dentre os quais enfatizamos, no setor eminentemente financeiro, a aceleração do ritmo de progresso, a contenção da espiral inflacionária, a atenuação dos desníveis econômicos, setoriais e regionais; a ocupação da mão-de-obra crescente e a correção dos deficits orçamentários e da balança de pagamentos — são a constante dos parlamentares hodiernos.

Todo esse elenco de problemas e soluções ganhou precedência e ascendência após a Revolução de 1964, que se tornou, antes de vencido o primeiro decênio, uma data-símbolo, a marcar o surgimento de um Brasil novo, do Brasil de amanhã, respeitado e ouvido nos grandes pretórios e colegiados da civilização ocidental, alçado à condição de potência, desmentindo os futurólogos e construindo sobre o caos o presente e o porvir.

Dizia Aristóteles que a natureza não dá saltos. Mas o homem os dá, quando está perdendo terreno na competição com os simples elementos naturais. A Revolução foi o salto que o Brasil deu para o futuro, reconquistando o passado e se igualando com as Nações adiantadas que buscam o estágio mais alto da civilização. Nossa homenagem, nesta hora de

liturgia cívica, ao eminente brasileiro, filho destas plagas, que foi o paladino da Revolução, seu comandante em chefe, seu ideólogo e seu reformador, o estadista Humberto de Alencar Castelo Branco, que realizou o milagre brasileiro de fazer uma revolução pelas armas, mantendo o Legislativo em sua essência e substância, acatando o Judiciário, e resguardando a liberdade de imprensa, de pensamento e de ação, garantias fundamentais incorporadas ao patrimônio cultural da humanidade. A Revolução é um rio que corre para o mar da História, e à testa da Nação tivemos em Costa e Silva o seu continuador, dando a própria vida desfeita em angústias e preocupações pelo bem do Brasil. E o nosso preito de respeito e incontida admiração ao insigne Presidente Médici, em cujo credo político, consubstanciado em seu magnífico breviário dado ao conhecimento da Nação em sua posse, traçou em síntese esplendorosa os itinerários da perenidade revolucionária e da redenção nacional. Ali se encontram os delineamentos de sua ação governamental, aos quais tem sido de uma fidelidade e de uma lealdade que confirmam as excelências de sua formação de soldado valoroso, de político perspicaz e de administrador com pulso e visão.

Crê no homem e no campo, e está promovendo, através de programas de impacto, cujos frutos já sansonam, a sua integração no complexo desenvolvimentista brasileiro.

Crê nas potencialidades do Brasil e como tal enfrentou a luta para implantação de uma política externa dinâmica, mantendo intercâmbio com todas as gentes do mundo, eliminando as barreiras da religião, regime e raça, com vistas ao entendimento e à paz entre os povos.

Crê na família e na sua unidade como pedra angular da sociedade, e porque o crê, é que vem fortalecendo as estruturas dos governos municipais e sub-regionais, e executando um vasto plano educacional, para brasileiros de todas as idades, pois sabe que a consciência do país se plasma no lar e nas escolas, através da alma do educador que existe em cada compatriota.

Crê no planejamento como processo, no planejamento sistematizado, para coordenar, integrar e totalizar esforços numa tarefa global e globalizante.

Crê no desenvolvimento, e sobretudo na urgência e na pressa, para, numa jornada proustiana, recuperar o tempo perdido.

Crê na democracia, e sabe que ela não pode sobreviver sem o fortalecimento da ordem jurídica, sem a tranquilidade social, sem a vivência dos imperativos da segurança nacional, pressupostos do governo do povo. A restauração pronta e acabada do Estado de Direito é o seu objetivo maior, quando declara: "Homem da lei, sinto que a plenitude do regime democrático é uma aspiração nacional. E para isso creio necessário consolidar e dignificar o sistema representativo, baseado na pluralidade dos partidos e na garantia dos direitos fundamentais do cidadão".

Sabemos que o exercício da democracia, sem as auto-limitações que os legisladores e os políticos demarcam, degenera em demagogia e se aniquila na anarquia. Democracia é instrumento e regime para se chegar ao desenvolvimento e à felicidade social. Democracia é mais um meio do que um fim, pois é a estrada por onde alcançamos a realização humana e a plenitude dos bens, convencidos de que vivemos no melhor sistema concebível. Esta é a lição de Raymond Aron ao defini-la como regime são, sadio e próspero, porém adequado à índole e à formação de cada povo.

Longe de nós qualquer veleidade doutrinária ou dogmática. O tema é fascinante e por demais pletórico para as dimensões deste pronunciamento, que desejamos seja apenas um canto de graças à hospitalidade e à grandeza do povo alencarino. No desenrolar deste certame florescerão os assuntos próprios e os instantes propícios à sua prospecção. E dentre eles, o que avulta com importância ímpar para a sobrevivência do próprio regime, é o que tange à pluralidade dos partidos, à dinâmica do seu funcionamento e à sua vitalidade existencial. O regime democrático se nutre

e se alimenta do diálogo. É ele um dos componentes do silogismo constitucional, na condição de premissa contestatória. O governo diz, a oposição contesta ou contradiz, e o povo conclui pelo acerto da tese, emitindo o seu veredicto, como juiz supremo e beneficiário maior e último. Tão importante como dizer **sim** é saber dizer **não**. Todas as unanimidades são duvidosas, prelecionava Rui. E ninguém mais do que o Presidente deseja o diálogo, a sístole e a diástole do coração da Pátria. Se a Revolução institucionalizou dois partidos, conferindo-lhes todas as garantias constitucionais e franquias políticas, o que todos os brasileiros esperam da oposição é o seu cada vez mais crescente concurso na revitalização democrática. Sua presença é tão exigida e solidificada que sua indiferença ou deserção significariam uma mácula e um eclipse no regime. A democracia é cognominada de **regime da maioria**. Mas não há maioria sem minoria, e sem a perspectiva desta se transmutar naquela, pela oscilação da balança da opinião pública, peso maior e fiel legitimo no julgamento dos governos.

Esta é a indeclinável conclamação da hora presente. E em nenhum lugar poderia ter mais valia do que aqui e neste instante, quando o Poder Legislativo, que é a matriz onde se celebram diuturnamente os officios do diálogo, se reúne para um reexame e uma retomada de diretrizes, retraçando normas de conduta para o seu fortalecimento, que é o da própria democracia.

Cabe-nos agradecer penhoradamente, em nome das delegações, a mercê de estarmos em terra amiga, comprovando a tradicional, renovada e crescente afeição do povo cearense, representado em todas suas virtudes na pessoa do Deputado Adauto Bezerra, Presidente da Assembléia Legislativa deste Estado. Idêntico agradecimento se estende ao Deputado Mauro Benevides, homem público de méritos excepcionais, lidador que jamais desfalece nos embates democráticos, e que nos saudou com palavras transbordantes de carinho.

Nossos agradecimentos especiais ao preclaro Governador do Ceará, Engenheiro Cesar Cals, que aqui representa

a ponte e a harmonia entre o Executivo que encarna e o Legislativo de que somos arautos.

Um destaque que sobremodo nos desvanece é a comparação a esta solenidade dos eminentes Presidente do Senado Federal e do representante do Presidente da Câmara dos Deputados, Senador Petrônio Portela e Deputado Célio Borja. A presença de ambos, mais do que um protocolar e formal gesto de solidariedade e prestígio a esse conclave, significa a identificação e a interunião da representação legislativa nos âmbitos federal e estadual, e a certeza de que o Poder é um só, uma só força, uma só legião, uma só mística, um único e superior destino.

Enfim, Senhores Congressistas, a nossa homenagem suprema, neste ano de comemorações cívicas e de reafirmação de nossa maioria política e de nossa soberania, ao patrono e patriarca da nossa independência e do Poder Legislativo, o cérebro e o pensamento, a luz e a palavra, o verbo e o estilete que escreveram o nosso primeiro Decálogo Político. Nossa homenagem de pé, nas glorificações do Sesquicentenário, ao instituidor do Parlamento brasileiro, aquele que encheu de ar os pulmões e de força a garganta imperial que deu o grito maior de nossa emancipação, àquele que em vida se chamou e a História o repete para todos os séculos — José Bonifácio de Andrade e Silva — que propomos seja o seu nome evocado neste Congresso com todas as honras que as gerações lhe tributam,



Composto e impresso nas Oficinas  
Gráficas da Companhia Editora do  
Rio Grande do Norte — CERN





